

ARQUEOLOGIA & História

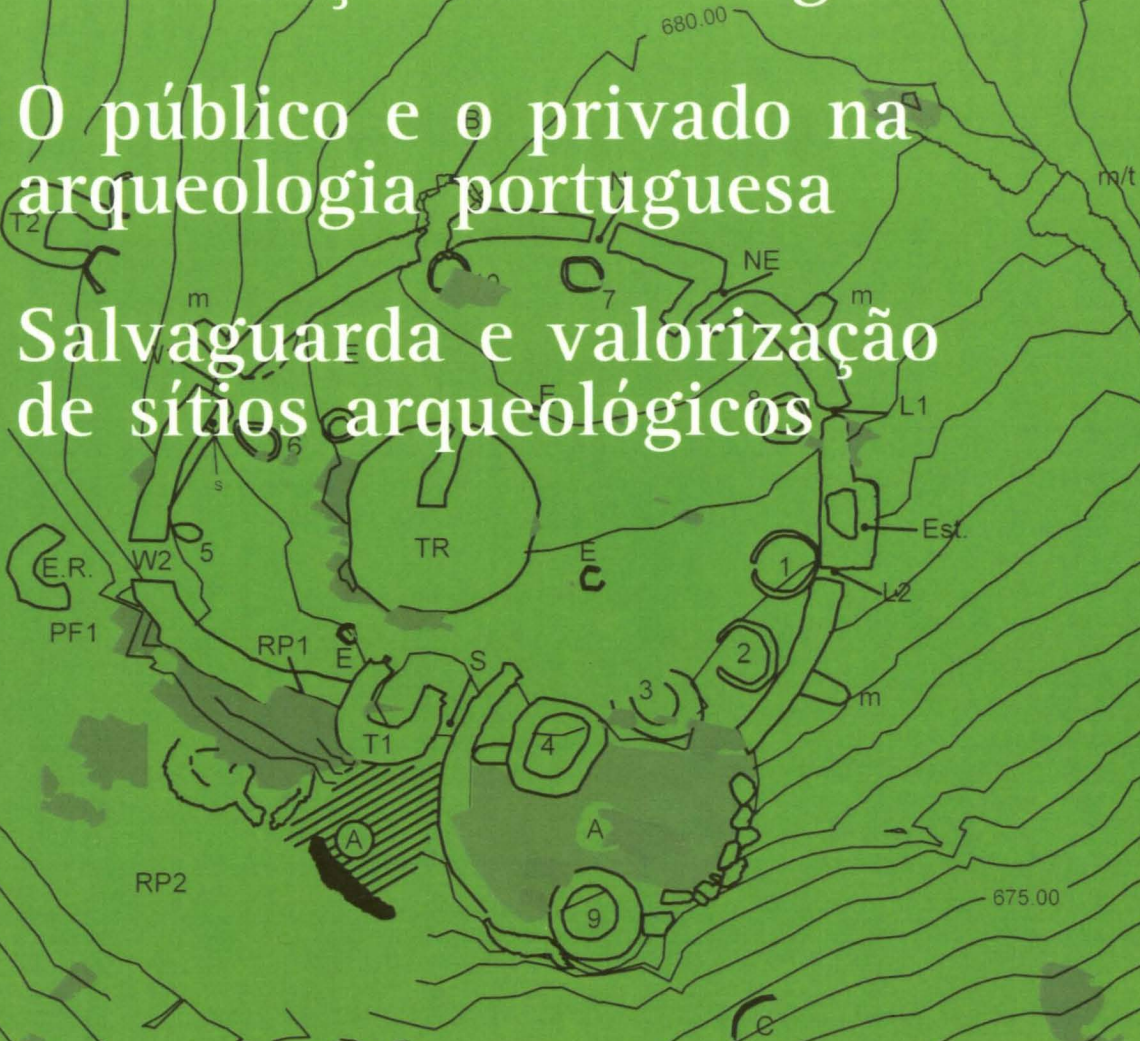


Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses | Volume nº55 | 2003

Neolitização em Portugal

O público e o privado na
arqueologia portuguesa

Salvaguarda e valorização
de sítios arqueológicos



Titulo
Arqueologia e História

Volume
55

Edição
Associação dos Arqueólogos Portugueses
Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa
Tel: 21 346 04 73 · Fax: 21 324 42 52
e-mail: associacao.arqueologos@clix.pt

Direcção
José Morais Arnaud

Coordenação
Paulo Almeida Fernandes

Projecto gráfico
oficina de design Nuno Vale Cardoso Et Nina Barreiros

Impressão
Publidisa

Tiragem
350 exemplares

© Associação dos Arqueólogos Portugueses
ISSN
972/9451-39-7

Solicita-se permuta
Exchange wanted

Ao artigos publicados nesta revista são da exclusiva
responsabilidade dos respectivos autores

Restauro e Medievalidade na obra de Manuel Ribeiro: Caso da Sé de Lisboa

José Alberto Ribeiro¹

O presente artigo tem como base a dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 2002, cujo objecto de estudo foi a vertente estética presente na obra literária de Manuel Ribeiro (1878-1941), partindo da análise do livro *A Catedral* (1919) – cuja acção é passada numa Sé de Lisboa imaginada e que se restaura e renova em 1919 –, e noutras duas obras da sua denominada *trilogia social*: *O Deserto* (1922) e *A Ressurreição* (1923)². É nesta perspectiva que estudamos o caso deste escritor português, enquanto representante do movimento de "construtores" de catedrais simbólicas.

A obra de Manuel Ribeiro é o testemunho literário de um percurso pessoal que parte de uma posição anarco-sindicalista até chegar ao cristianismo. O autor revela um conhecimento profundo sobre conceitos estéticos muito "fin de siècle" e um gosto evidente pela arte medieval, sobretudo o Gótico. Pelo que, este autor defende uma estética da medievalidade e o seu valor simbólico, inserido no contexto de uma herança cultural da época contemporânea, ligada ao resgate de um gosto e de um modelo civilizacional inspirado numa Idade Média cristã, tendo como objectivo uma restauração católica.

Em Portugal³, ao longo do século XIX a teorização do gótico é sobretudo apropriada pelo universo dos autores do liberalismo e entendida como forma de justificação da especificidade da identidade portuguesa. Antes de mais, a ideia do gótico encerra duas questões essenciais ao período que então se vivia: por um lado, uma apropriação ideológica deste estilo enquanto referente ao período de consolidação do espaço territorial português, com uma utilização historiográfica de valorização dos mitos, heróis e edifícios de valor simbólico nacional⁴; por outro lado, a necessidade da reutilização dos edifícios religiosos, sobretudo de origem medieval, abandonados e expropriados, para os quais importava definir uma utilização futura e, sobretudo, conservar.

É neste contexto que podemos compreender melhor a herança intelectual de que Manuel Ribeiro é legatário, afirmando-se enquanto autor de um cenário medieval carregado de simbologia cristã e nacionalista.

A figura de Manuel Ribeiro é um testemunho literário de um activista e intelectual que faz um percurso ideológico que o leva de uma posição anarco-sindicalista até o mundo do catolicismo. A historiografia tem-se dedicado a este escritor sobretudo do ponto de vista da crítica literária⁵ ou, mais raramente, no âmbito ideológico⁶, esquecendo uma das suas facetas mais interessantes: a de esteta⁷.

Desde cedo, Manuel Ribeiro mostrou-se defensor das classes operárias e começou a ser notado pelos seus escritos reivindicativos publicados em jornais dos quais era colaborador: *O Sindicalista*, *A Batalha*, ou *A Bandeira Vermelha*, jornal de inspiração bolchevista onde foi director durante algum tempo.

A Catedral de Manuel Ribeiro – um Restauro Idealizado para a Sé de Lisboa

O escritor Manuel Ribeiro revela n' *A Catedral* um gosto pela arte medieval indiscutível, o que nos permite perceber algumas das suas fontes de inspiração e influências, com destaque para dois autores: Hugo e Huysmans. O livro sobre a catedral, podemos dizê-lo, trata-se de uma obra de cariz romântico na senda da "hugolatria" provocada por *Notre-Dame de Paris*. Em relação a este último, são claros os paralelos entre dois amores impossíveis e a valorização de um edifício medieval com vida própria, embora com fins ideológicos diferentes. O Luciano de Manuel Ribeiro, a determinada passagem do romance, é mesmo comparado ao Frolo da catedral parisiense, quando os padres da Sé se viram contra o arquitecto⁸.

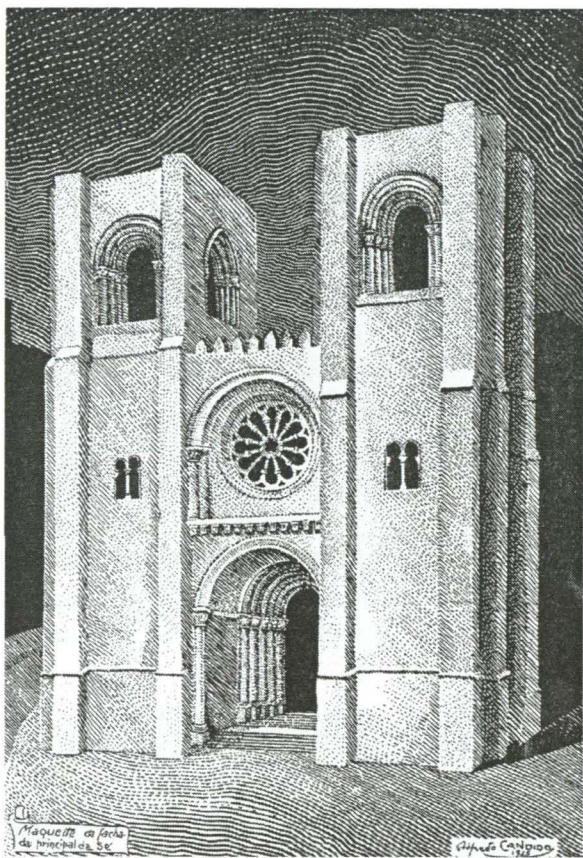
Manuel Ribeiro é um esteta sensível à arte cristã medieval: à arquitectura e à liturgia monástica. Durante a guerra, sem actividade sindicalista, levava os operários a visitar igrejas. O próprio Ribeiro começou a frequentar a Sé de Lisboa e a assistir aos ofícios litúrgicos. Era o apelo do belo. *A Catedral* é uma descrição de emoções estéticas. O entusiasmo pela possibilidade de restaurar a Sé é, também, o de encontrar as suas origens mais remotas. Restaurar é libertar a Igreja de todos os acrescentos e adulterações ocorridos ao longo dos tempos que ofuscaram a pureza original do edifício. Era necessário

encontrar a beleza primitiva do monumento, o mesmo é dizer também, uma Igreja mais evangélica.

A personagem fulcral de *A Catedral* é a de Luciano, figura em trânsito neste romance, vindo dos meios revolucionários, está num processo de descoberta da Igreja. Luciano é o arquitecto da remodelação da Sé e tem uma especial predilecção pela antiguidade medieval, em particular no que se refere à arte religiosa, apesar da ausência de piedade e da notória indiferença em matéria religiosa. O pensamento de Luciano subjacente ao restauro é o de encontrar as linhas originais, a pureza do edifício

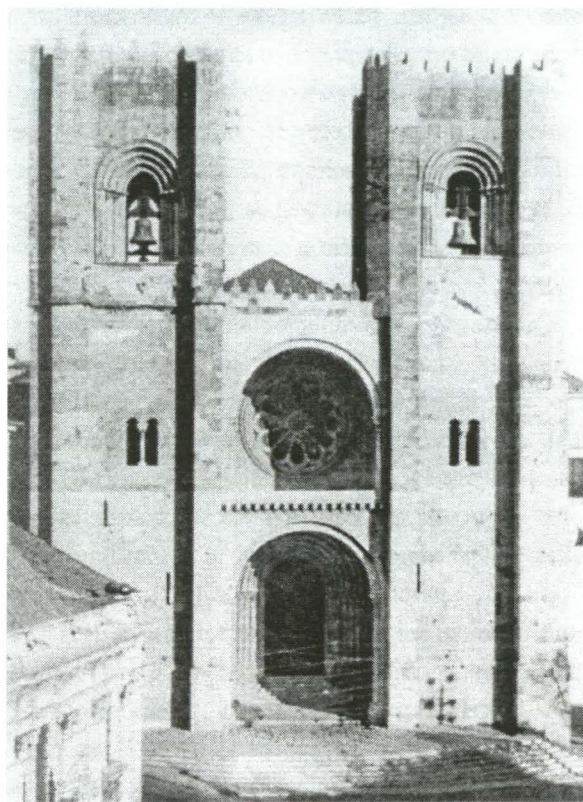
Através desta personagem, Manuel Ribeiro teve a percepção das diferentes atitudes internas no seio da Igreja e seu confronto. Notamos uma certa aproximação do real (social) que transparecia nas posições católicas. Os acontecimentos do principio do século, sobretudo a Lei da Separação (1911), originaram reacções diferentes no interior da Igreja. Este confronto atravessa todo o romance, simbolizado na controvérsia acerca do restauro da Sé: deve ou não restaurar-se a Sé (símbolo da Igreja)? Restaurar a Sé correspondia ao desejo de a libertar das sucessivas marcas da história que a afastavam das origens evangélicas, da verdade das origens: "é preciso despi-la da beleza falsa."⁹ "Antes as rugas veneráveis do que a maquilhagem de gesso."¹⁰ Não restaurar o edifício e mantê-lo era não querer questionar, era não se querer confrontar com a verdade.

Manuel Ribeiro seguiu de perto as teses de Júlio de Castilho¹¹ na denúncia das alterações estilísticas e dos maus restauros realizados na Sé que Manuel Ribeiro irá seguir na *A Catedral* e que, anos antes, deixa expresso num mesmo tom num artigo de opinião de um jornal. Para o romancista, os restauros efectuadas por Fuschini não tiveram em conta o mestre medieval, por vezes demasiado imaginativo, e não tiveram em conta sondagens mais conclusivas nos locais intervencionados para que se pudesse agir com maior segurança do restaurador. Apesar de reconhecer o trabalho do restaurador na procura de um estilo purista, afirma que este devia ter em conta aspectos da fisionomia primitiva da construção, não entrando em demasiados devaneios¹².



1. Fachada principal da Sé de Lisboa segundo o restauro idealizado de *A Catedral*.
Desenho de Alfredo Cândido, edição de 1925.

Quando em 1916, o escritor alude à ausência de grandes monumentos de arquitectura religiosa na capital – pois entende que essa monumentalidade só é conseguida com uma catedral gótica –, encontramos já um esboço do seu futuro livro e ideia de catedral: "(...) uma dessas maravilhosas fábricas da Idade Média que é uma catedral gótica"¹³. Apesar da inexistência de uma fábrica gótica em Lisboa, como noutros países europeus, havia na cidade um edifício comparável a outras grandes catedrais pela sua "alta tradição secular". Refere-se ainda que os restauros realizados de uma forma metódica e criteriosa apenas começaram a ser efectuados pelo falecido engenheiro Fuschini. De capital importância para a percepção dos conhecimentos do escritor sobre a Sé é o facto deste referir que conhece nesse ano – estamos a três anos da publicação do primeiro livro da *trilogia social* –, o arquitecto Couto de Abreu, que lhe presta vários esclarecimentos sobre o decorrer dos trabalhos de restauro¹⁴.



2. Fachada Principal. Década de 1940.
AFCML – A5472

As ideias sobre o monumento artístico publicadas por Manuel Ribeiro neste ano de 1916 são, de uma forma sintética, aquilo que o livro expressou mais tarde nos projectos levados a cabo pela imaginária personagem de Luciano, assim como nas futuras realizações dos trabalhos de restauro de António Couto, diferente das impressões demasiado compósitas de Fuschini acerca do antigo monumento. Pelo que, passamos a enumerar as principais linhas orientadoras da concepção ideal de restauro da Sé de Lisboa proposta por Manuel Ribeiro: valorização do românico ligado à fundação do edifício, nomeadamente na fachada e corpo da igreja, com a reconstrução de naves em abóbada de berço; reconstrução de uma capela-mor gótica para valorização da charola do tempo de D. Afonso IV e que funcionasse como coroamento de toda a planta do templo. Anos mais tarde, em 1931, o escritor publica uma monografia sobre a história da arte da Sé de Lisboa, quando ainda não se tinham realizado grande parte dos restauros, como os que deram uma feição medieval às naves

da catedral no decorrer da década de trinta. Neste livro encontramos o mesmo princípio de associar a fundação do monumento a D. Afonso Henriques, sendo por isso essencialmente românico, conferindo-lhe um princípio unicamente cristão, ligado ao primeiro rei e isento de quaisquer parentescos árabes. De igual modo, a planta idealizada para o edifício é a de um corpo românico tonsurado por uma capela gótica.

A morte de Fuschini, em 1911, permitiu concluir apenas parte do projecto na ala norte exterior do edifício. Sucede-lhe António do Couto Abreu, a partir de 1911, que começa de imediato a demolir algumas propostas do seu antecessor no cargo de restaurador da catedral, como foi o caso das flechas colocadas nas torres da fachada.

Só após a Revolução de Maio de 1926, que impôs a ditadura militar reaccionária, génese do Estado Novo, se abriu o caminho para que o Ministério das Obras Públicas (M.O.P.) recebesse a chefia da supervisão dos monumentos, através da Administração-Geral. Em 1929, as obras nos monumentos são definitivamente centralizadas num organismo específico do M.O.P., a Direcção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais, cujo papel na área do restauro de património arquitectónico será fulcral como forma de legitimação histórica do novo regime, através dos grandes documentos arqueológicos, que o recente poder se dizia herdeiro. É neste último cenário de exaltação histórica que se desenvolve grande parte da acção e ideias do arquitecto Couto Abreu na Sé, entre 1929 e 1942, suportado fortemente de um ponto de vista ideológico e económico por um Governo que também queria ter na catedral da capital um símbolo de robustez, tão sólido quanto a nova ordem e tão inabalável quanto a verdade histórica da formação da nacionalidade.

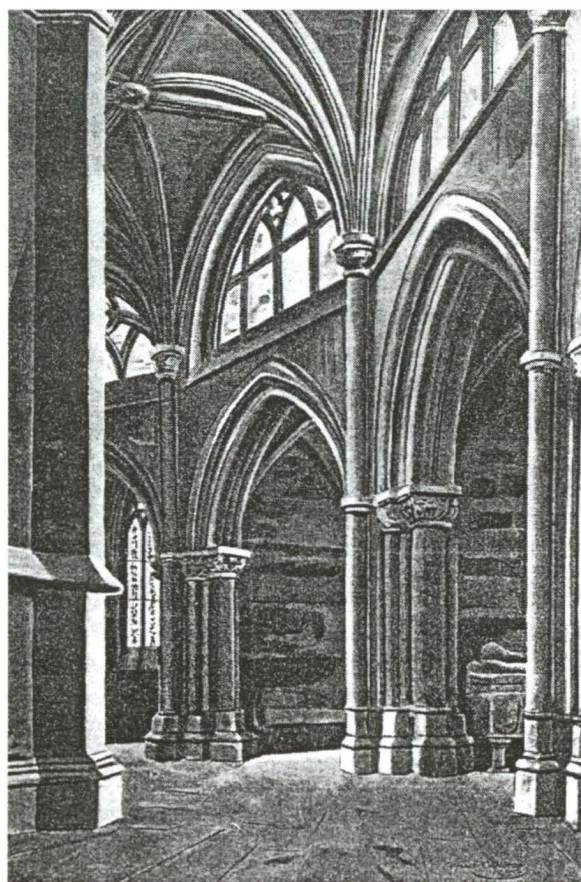
A grande tarefa do arquitecto Luciano ao restaurar a Sé de Lisboa é a de descobrir as verdadeiras formas da catedral, apesar da falta de fontes históricas de que se queixa. As intervenções de restauro feitas até Luciano são enunciadas como simples reparações devido à falta de capacidade económica para tamanho projecto¹⁵. Pelo que, o que este procura é "determinar a pureza" primitiva do edifício, escondida "sob o invólucro sacrilégio de estuques e argamassas (...)"¹⁶.

Certo, na restauração, é a ideia de conferir um risco às ruínas da Sé semelhante ao que teriam feito outrora os mestres medievais.

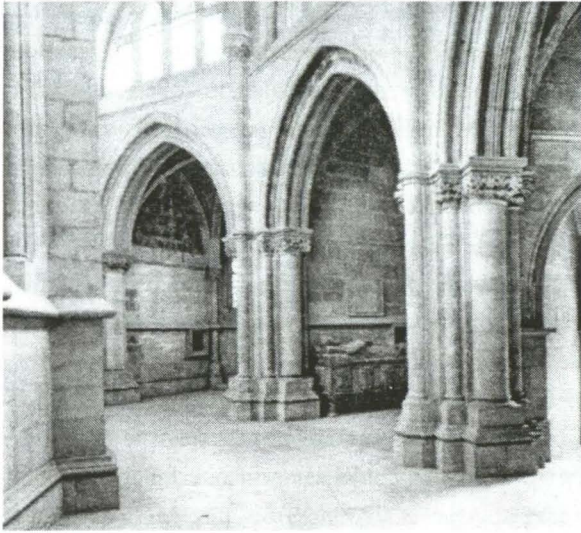
O restauro proposto é entendido como uma limpeza, uma acção de purificação dos excessos causados por trabalhos posteriores à concepção original¹⁷.

Para Luciano a "restauração era uma ressurreição"¹⁸, cabia-lhe a ele a obrigação e o dever de resgatar o velho edifício, purificá-lo, numa operação que é acima de tudo percebida como limpeza dos séculos posteriores à Idade Média, retirando-lhe todos os outros formulários estéticos que o tempo acrescentara. Restaurar, redescobrir, ressuscitar, renascer, são as palavras propostas como símbolo da intervenção.

Das intervenções enumeradas no livro, recebem maior destaque as executadas no claustro, na ábside e deambulatório, e na procura da cripta da catedral, a última sondagem e que está na origem da construção



3. Pormenor da Charola após o restauro idealizado. Desenho de Alfredo Cândido em *A Catedral*, edição de 1925.



4. Aspecto geral da Charola (Sul) após os restauros.
AFCML – A5478

de uma capela nova, como à frente se referirá. Luciano enumera como grandes descobertas das suas escavações arqueológicas: a identificação de um fecho de uma abóbada de uma capela da charola; os vestígios da abside românica do tempo de D. Afonso Henriques, junto à capela de S. Vicente; o desemparedamento do trifório do século XII, obstruído por uma arcaria clássica do tempo de D. Pedro II¹⁹; e descoberta dos fragmentos de uma grande rosácea do século XII existente na fachada²⁰.

Mas, o apreço do arquitecto restaurador não se fez sentir só pelo gótico da ábside ou pela nova capela do eixo da mesma que decide recriar. O românico, arte predominante na Sé, é valorizado não só enquanto único estilo desta corrente estilística existente em Lisboa, mas também como sinónimo de uma arte que remontava ao início da nacionalidade portuguesa, e por isso lido como algo de robusto, o primeiro sólido alicerce nacional, que impunha confiança pelo sua "severidade austera", e que "(...) por ser irmão gémeo da liturgia e do cantochão, é a arquitectura que mais convém à Igreja."²¹

O livro abre ainda campo para o espírito da recriação, tão ao gosto do arquitecto francês Viollet-le-Duc. A ideia surge inicialmente em virtude de Luciano procurar encontrar na catedral de Lisboa uma cripta, à semelhança do que acontecia noutras catedrais, tal como em Mans. Assim, são feitas pesquisas nesse sen-

tido, em "sondagens na colateral norte junto à porta travessa", mas o que este encontra é uma longa galeria abobadada na direcção norte-sul, interceptada pelo jazigo de D. Rodrigo da Cunha. Perante o paralelo sistemático feito por Luciano com as catedrais francesas, a partir do século XII, este não esconde a desilusão de não encontrar uma cripta e no eixo da capela-mor uma capela dedicada à Virgem que, de uma forma simbólica, velava à cabeceira do Filho morto. Surge então a seguinte ideia de erguer no deambulatório da Sé uma capela dedicada à Virgem.

Manuel Ribeiro aflora a questão da recriação de um novo edifício sacrificando todas as outras manifestações artísticas de séculos posteriores, colocando assim em debate a discussão em torno dos restauros puristas.

Ainda assim, Luciano acredita que o seu trabalho não é o de uma "simples reparação"²², nem que a sua acção seja capaz de alcançar uma espiritualidade dos antigos, embora a função do artista fosse de igual modo espiritual.

Considerações finais

Manuel Ribeiro teve como modelos literários das "Catedrais de Papel" em parte graças ao esforço e talento de escritores como Vítor Hugo. Este autor é o grande líder dos "construtores" literários de catedrais e dos divulgadores da arte gótica, ou medieval, em versões de pequenos livros de bolso acessíveis a qualquer leitor, que se assumem como uma metáfora de um museu de imagens medievais. Outro autor analisado, Huysmans, considera, ao contrário da crítica feita à Igreja de Hugo, a arte religiosa produzida nas catedrais como um sinónimo de uma linguagem franca e de um clero sincero e virtuoso para com os cristãos. Encontra na Idade Média o ponto alto da civilização, por se tratar de um longo período onde imperou o principio cristão. É nesta última linha de pensamento que melhor se reproduzem os conceitos estéticos de Manuel Ribeiro.

Manuel Ribeiro é um esteta sensível à arte cristã medieval: à arquitectura e à liturgia monástica. Durante a guerra, sem poder desenvolver a sua actividade sin-

dicalista, levava os operários a visitar igrejas. O próprio escritor começou a frequentar a Sé de Lisboa e a assistir aos ofícios litúrgicos. Pelo que, em primeiro lugar, *A Catedral* é uma descrição de emoções estéticas. Para além de que o entusiasmo ao longo de todo o livro em torno do restauro da Sé é, também, o entusiasmo em encontrar as suas origens mais remotas. Restaurar, significa não só libertar a Igreja de todos os acrescentos e adulterações ocorridos ao longo dos tempos que escondiam a pureza original do edifício. Significa, também, a necessidade de encontrar a beleza primitiva do monumento, o mesmo é dizer "restaurar" uma Igreja mais evangélica. Não restaurar o edifício, mantendo as alterações que sofrera o longo do tempo, significa não querer questionar, não se querer confrontar com a verdade histórica presente. A ideia sempre subjacente é a de um restauro Maior.

Manuel Ribeiro confina-se a um plano meramente intelectual e *A Catedral*, afirma-se como uma construção simbólica de beleza e misticismo passados à pedra, sendo, ao mesmo tempo, um livro de bolso sobre a arte gótica.

Podemos constatar que Manuel Ribeiro conhecia bem o edifício da Sé de Lisboa, as alterações provocadas pelos restauros operados pelo engenheiro Augusto Fuschini (entre 1902 e 1911), assim como as intenções idealizadas pelo arquitecto Couto de Abreu, que conduz os trabalhos de restauro após 1911. A acção do livro decorre em 1919 e, quer os restauros idealizados no livro quer a ideia concebida em restituir o monumento segundo o estilo primitivo mais de acordo com a sua história gloriosa medieval, se confundem com o que foi realizado anos mais tarde pelo o arquitecto Couto de Abreu (Fotos 1 e 2). Podemos afirmar, sem grandes receios, que a personagem do Arquitecto Luciano partilha no romance os conceitos de intervenção no monumento com Couto de Abreu e a espiritualidade e gostos estéticos com o "arquitecto" Manuel Ribeiro.

Manuel Ribeiro não encontra na Sé de Lisboa a monumentalidade das grandes catedrais góticas, mas entende a catedral da capital como um edifício comparável à suas congéneres europeias pela sua "alta tradição secular". Assim, critica Fuschini na sua tentativa

de "goticizar" o corpo românico da Sé, já que a sua visão está mais de acordo com um conceito artístico ligado ao principio da nacionalidade. A Sé é associada a D. Afonso Henriques, sendo por isso essencialmente românica, e é isso que lhe confere um principio unicamente cristão.

Manuel Ribeiro conhece Couto de Abreu em 1916, que foi certamente uma influência determinante para as principais linhas orientadoras da sua concepção de restauro ideal da Sé de Lisboa. Este "restauro ideal" proposto por Manuel Ribeiro em *A Catedral* será efectivo anos mais tarde exactamente pela mão de Couto de Abreu. Trata-se de uma imagem que Manuel Ribeiro ergueu no papel e que, em 1919, Couto de Abreu não podia então apenas idealizar: a valorização do românico ligado à fundação do edifício, nomeadamente na fachada e corpo da igreja, a reconstrução de naves em abóbada de berço; a reconstrução de uma capela-mor gótica para valorização da charola do tempo de D. Afonso IV que funcionasse como coroamento de toda a planta do templo (Fotos 3 e 4).

Tal como Viollet-le-Duc, Manuel Ribeiro, que fala pela boca da sua persogem arquitecto Luciano, é norteado pelo objectivo de repor o edifício na sua pureza primitiva, a românica. Anos mais tarde, é num cenário de exaltação histórica, entre 1929 e 1942, que se desenvolve grande parte da acção e das ideias do arquitecto Couto de Abreu na Sé.

Para Luciano a "restauração era uma ressurreição". Restaurar, redescobrir, ressuscitar, renascer, são as palavras propostas como símbolo da intervenção. É Viollet-le-Duc que vai ajudar este autor de um monumento erguido sobre caracteres na escolha efectiva e mais exclusiva do sistema gótico, que justificava as recriações mais imaginativas do arquitecto pela arte medieval consentânea do monumento de Lisboa. Luciano, tal como o mestre francês de que é herdeiro, vê o gótico como um sistema estrutural, um jogo de peças único, onde o arquitecto é principalmente construtor e onde a arte medieval se afirma como a melhor forma de conservação de um edifício, por lhe devolver uma função, um destino, que legitimava as alterações ou modificações propostas por quem dirigia os trabalhos.

Manuel Ribeiro é uma figura da intelectualidade portuguesa imprescindível para a compreensão da segunda década do novo século XX e um exemplo de outros intelectuais que procuravam uma pureza original da sociedade num sentido mais lato, onde a Igreja assumiu um lugar fulcral pelo seu papel na sociedade. Manuel Ribeiro alimentava a ideia de um mundo diferente após uma revolução ainda por fazer, o fulcro da sua preocupação é o da justiça social como denominador comum de uma sociedade futura. A Igreja, enquanto instituição secular, é onde Manuel Ribeiro vai procurar uma solução para o mundo e acaba por encontrar o sentido e harmonia social na beleza religiosa e na beleza da liturgia católica.

Mas, é uma nova Igreja que este teórico procura, não a instituição cumulada de privilégios e que reconhece as desigualdades sociais que a modernidade não conseguiu resolver. Daí, a procura de uma Igreja mais evangélica, também em busca de um restauro, por um restauro maior, em suma, de um renascimento, um "mundo novo" que precisava de homens imaculados como São Francisco de Assis ou o Padre Cruz.

Vamos encontrar nas obras estudadas o espírito de um revolucionário que precisa de crescer interiormente, a ideia de uma revolução interior para atingir uma militância com valores morais mais altos: a religião. Propõe um homem novo, mais espiritual e à semelhança dos monges da Cartuxa de Miraflores, tal como os descreve em *O Deserto*. Trata-se da busca de homens que, à imagem do primeiro apostolado, ajudem a construir uma nova sociedade, tal como São Pedro ou São Paulo o fizeram. Uma das razões das inúmeras referências aos primeiros mártires cristãos é precisamente a sua fé, autêntico acto de missão maior, que vai ao ponto do sacrifício da própria vida. A ideia subjacente é a de uma militância que só o cristianismo conseguia imprimir. Se foi sobre as catacumbas dos primeiros cristãos que surgiu o novo mundo desprendido de bens materiais o regresso aos valores primitivos da pureza evangélica – e concretamente à ideia de gótico – garantirá, para Manuel Ribeiro, a construção de uma nova sociedade ideal no conturbado início do século XX português.

Notas

¹ Mestre em Arte, Património e Restauro pela Faculdade de Letras de Lisboa. Docente no Departamento de Estudos Europeus na mesma Faculdade. Técnico do IPPAR.

² José Alberto RIBEIRO, *A Catedral de Papel – O escritor Manuel Ribeiro (1878–1941): Um Esteta da Medievalidade e da Espiritualidade Cristã*, Dissertação de Mestrado em Arte, Património e Restauro apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2002.

³ No âmbito dos estudos dedicados à historiografia sobre o património histórico português destacamos: Maria João NETO, *A Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1929–1960*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 3 vol., Lisboa, 1996.; IDEM, *Memória, Propaganda e Poder. O Restauro dos Monumentos Nacionais (1929–1960)*, Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2001; Nuno ROSMANINHO, *A Historiografia Artística Portuguesa de Raczyński ao Dealbar do Estado Novo (1846–1935)*, Dissertação de Mestrado em História Contemporânea de Portugal, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1993; Lúcia ROSAS, *A Arquitectura Religiosa Medieval. Património e Restauro (1835–1928)*, Dissertação de Doutoramento em História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1995; Paulo RODRIGUES, *Património, Identidade e História. O Valor e o Significado dos Monumentos Nacionais no Portugal de Oitocentos*, Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea, Faculdade de Ciências da Universidade Nova de Lisboa, 1998.

⁴ Ver Ernesto Castro LEAL, *Nação e Nacionalismos*, Lisboa, Edições Cosmos, 1999, relativamente à questão da criação de heróis nacionais no período contemporâneo e a sua ligação simbólica com determinados monumentos.

⁵ Vejam-se como obras de referência: Óscar LOPES, e António José SARAIVA, *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 1982, p. 1068; SARAIVA, António José, *História da Literatura Portuguesa – Século XIX–XX*, Braga, Editora Pax, 1985, p. 417 e LANÇA-COELHO, "A Batalha nas Sombras". Um caso de Nomadismo e uma digressão por Beja do fim do século XIX", *Rodapé – Revista da Biblioteca Municipal de Beja*, n.º 5, Beja, Verão– 2001, pp. 64–67.

⁶ Neste domínio ressaltamos o trabalho com um maior levantamento de todas as obras escritas e traduzidas de *Manuel Ribeiro*, feito numa perspectiva essencialmente de âmbito teológico, veja-se: Carlos ANTUNES, *Manuel Ribeiro, Trabalho de Licenciatura*, Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 1998.

⁷ Os únicos estudos, do nosso conhecimento, dedicados às sensibilidades estéticas de Manuel Ribeiro, nomeadamente ao restauro arquitectónico, são os de: Maria João NETO, *op. cit.*, 1996, pp. 527–529; Maria João NETO, "Os Restausos da Catedral de Lisboa à luz da Mentalidade do Tempo", *Carlos Alberto Ferreira de Almeida. In Memoriam*, vol. II, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1999, pp. 131–141; e Patrícia MONTEIRO, "A Catedral" de Manuel Ribeiro – Uma obra reflexo das teorias de restauro dos tempos da Primeira República", *8º Relatório de Progresso sobre o Programa de Estudos Integrados do Edifício da Sé de Lisboa*, Protocolo IPPAR-FLL-IST, Lisboa, Outubro de 1999, pp. 65–77.

⁸ Manuel RIBEIRO, *A Catedral*, Lisboa, Livraria Renascença, 1925, p. 296. Seguimos a reedição de 1925 por ter ilustrações da Sé idealizada no romance.

⁹ Manuel RIBEIRO, *Ibidem*, 1925, p. 33.

¹⁰ IDEM, *Ibidem*, 1925, p. 17.

¹¹ Cf. Júlio de CASTILHO, *Lisboa Antiga. Bairros Orientais*, 2ª ed., vol. VI, Lisboa, S. Industriais da C.M.L., 1936, p. 225 e p. 228.

¹² Manuel RIBEIRO, "A Sé Patriarcal – A sua restauração, devida a Fuschini, tem sido apreciada com demasiado pessimismo", *A Capital*, 21/01/1916.

¹³ Manuel RIBEIRO, "Monumentos de Lisboa – A Sé Patriarcal – O que é esse venerando templo ao cabo de oito séculos de inclemencias e provações", *A Capital*, 27/01/1916, p. 1.

¹⁴ Manuel RIBEIRO, "Monumentos de Lisboa – A Sé Patriarcal – O que é esse venerando templo ao cabo de oito séculos de inclemencias e provações", *A Capital*, 27/01/1916, p. 1.

¹⁵ Cf. IDEM, *Ibidem*, 1925, p. 18.

¹⁶ IDEM, *Ibidem*, 1925, p. 15.

¹⁷ IDEM, *Ibidem*, 1925, p. 33.

¹⁸ IDEM, *Ibidem*, 1925, p. 107.

¹⁹ Cf. IDEM, *Ibidem*, 1925, p. 223.

²⁰ Cf. IDEM, *Ibidem*, 1925, p. 52.

²¹ IDEM, *Ibidem*, 1925, p. 224.

²² IDEM, *A Catedral*, 1925, p. 286.



Associação
dos Arqueólogos
Portugueses